

IN MEMORIAM

FLORESTAN FERNANDES: UM TRABALHADOR INTELLECTUAL FORA DE SÉRIE

Num livro publicado em 1977, Florestan Fernandes delineou sua história de vida e principalmente sua carreira, orientada esta pelas duas direções principais que a caracterizaram: a carreira do sociólogo-professor, a carreira do sociólogo-político-militante (FLORESTAN, 1977, p.140-212). Estas duas orientações principais não ocorreram interligadas; a primeira teve lugar anteriormente à segunda; pouco a pouco, ao aprofundar seus estudos e reflexões, o sociólogo-professor, que também era um pesquisador de alto mérito, foi sendo permeado cada vez mais pelo político-militante cuja maneira de ver e de sentir, a partir das investigações e do conhecimento que cada dia eram mais penetrantes; elas tornavam claro que as revelações auridas dos caminhos que tomava o seu pensamento, exigiam a participação direta nas atividades em prol das mudanças do país que acreditava indispensáveis. Muito raramente alguém encara com tanta lucidez os diversos momentos de sua existência e dá a conhecer as dificuldades com que teve de lutar, num relato singelo, profundamente marcado pela sinceridade.

Sua existência, no início, não permitia supor que ali estava um futuro grande pensador brasileiro. Nascido em 1920 na cidade de São Paulo, filho de uma lavadeira de origem portuguesa, Florestan Fernandes entrou na escola primária aos 7 anos de idade; abandonou-a dois anos depois para, com o fruto de seu trabalho, auxiliar a mãe. Tornou-se então sucessivamente engraxate, aprendiz de vários ofícios, garçom num bar do centro da cidade. Neste último, relacionou-se com um grupo de fregueses que ali se reuniam ao cair da tarde, e causou-lhes espanto pela bagagem de leitura que acumulara. Conta que havia formado “uma curiosa cultura letrada que ia di Tico-Tico à literatura de cordel, aos livros de piada, e a uma variadíssima literatura *erudita*, na qual prevaleciam os livros didáticos e de história, vendidos nos sebos, e os romances” (FERNANDES, 1977, p.146). Admirados da cultura heteróclita que apresentava, os fregueses que se haviam tornado seus amigos buscaram para ele um emprego que não lhe tomasse todo o tempo: o de propagandista de produtos farmacêuticos. Pode assim entrar num curso noturno e, dois anos mais tarde, obtido o certificado competente, pode se apresentar ao exame vestibular para a Faculdade de Filosofia da USP e nesta ingressar.¹

1 Durante os primeiros 20 anos de existência da USP, era pequena a quantidade de estudantes que se inscreviam no vestibular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Quando Florestan se apresentou em Ciências Sociais, apenas 29 se dispunham a disputar as 30 vagas; realizado o exame, apenas 6 passaram, tendo Florestan obtido o 5º lugar. Como se vê, sua formação, embora truncada, lhe dera conhecimentos suficientes para derrotar mais de 20 concorrentes.

Estava-se em plena ditadura Vargas; alguns professores e estudantes da Universidade de São Paulo haviam aderido aos movimentos contrários a ela, levados uns pelas idéias da necessidade de liberdade política e liberdade de consciência, outros por pertencerem já a alguns movimentos socialistas. Florestan Fernandes se incluía entre estes últimos; fez parte de um pequeno grupo trotskista, que frequentou “durante uns quatro anos mais ou menos” (FERNANDES, 1977, p.172); considerou ele que as atividades anti-ditatoriais do grupo que buscava difundir o socialismo na cidade de São Paulo, e a tradução que lhe haviam pedido de importante obra de Karl Marx, o puseram “face a face com o desafio que vinha de minhas origens humanas”, mostrando pela primeira vez que “o sociólogo que brotava e crescia dentro de mim, devia responder a esse desafio e identificar-se com as idéias socialistas de reforma e de revolução sociais que ele implicava” (FERNANDES, 1977, p.172). Esta descoberta mesclou-se indissolúvelmente com sua formação de professor, e pouco a pouco o orientou para a direção que imprimiu as suas atividades, nas quais o ensino e a pesquisa fundamente se amalgamaram com a necessidade cada vez mais vigorosa de não se deter somente nelas e se contentar com o proselitismo político nelas fortemente incluso pela natureza mesma da Sociologia; devia acompanhar sua função de professor com uma ação militante que ultrapassasse o de simples membro de um partido. foi o que ocorreu numa outra fase de sua vida.

Ao entrar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sentiu o jovem estudante a funda diferença que o separava daqueles que até então ali haviam conseguido penetrar. Fundada juntamente com a USP, em 1934,² a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na qual se encontrava o Departamento de Ciências Sociais, não atraía quantidade de alunos, ao contrário das *velhas* Faculdades (Direito, Politécnica, Medicina, etc.); no ano em que Florestan fez o vestibular, somente 29 candidatos se haviam inscrito para preencher 30 vagas; realizados os exames, somente tiveram aprovação 6 deles, tendo o mesmo o 5º lugar. A nova Faculdade, que contava apenas com 7 anos de existência em 1941, fora criada para formar professores de curso secundário e normal; o destino modesto dos diplomados não atraía quantidade de vestibulandos, pois buscavam profissões liberais que abrissem as portas a

2 A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas surgiu juntamente com a USP. As outras faculdades que foram reunidas sob a nova denominação - Direito, Medicina, Engenharia, etc. - já possuíam o seu quadro de titulares. Para a nova Faculdade, foram buscados professores nacionais de alto nível e, para os Departamentos em que havia falta, foi resolvida a contratação de mestres estrangeiros de bom currículo, em geral ainda jovens, desejosos de fazer uma experiência em terra estranha. O Departamento de Ciências Sociais, em 1940, além de alguns professores nacionais, contava com Paul Arbousse-Bastide para Ciência Política; Emilio Willems para Antropologia; Paul Hugon para Economia; Roger Bastide para Sociologia I; Jean Maugué para Filosofia. Eram quatro franceses e um alemão, havendo ainda um brasileiro, Fernando de Azevedo, para Sociologia II.

carreiras mais prestigiosas. Os vestibulandos da USP se dirigiam em geral para os cursos que levassem a profissões como as de advogado, de médico, de engenheiro.

No primeiro ano, a diferença de origem fez Florestan Fernandes se sentir pouco à vontade entre os colegas: “eu ficava de fora e sentia que não me cabia alterar as regras tácitas do jogo (...) Também nunca me fizeram algo de que me devesse queixar, em termos de boas maneiras ou dos mínimos que regulam a convivência formal dos estudantes de uma mesma classe. O que quebrou o gelo foi a situação de convivência comum, prolongada e destituída de áreas pessoais de conflito”(FERNANDES, 1977, p.159). Finalmente, quando o segundo ano chegou a seu termo, estava o jovem estudante bem integrado entre os colegas.

Uma circunstância que ele narra, ocorreu logo no primeiro ano: os trabalhos de aproveitamento que apresentara a duas das cátedras atraíram a atenção dos mestres que as ocupavam: Roger Bastide, da cadeira de Sociologia I, e Paul Hugon, da cátedra de Economia Política. Preocupado em desenvolver o gosto pela pesquisa, Roger Bastide pediu aos alunos uma pesquisa de campo sobre “o folclore na cidade de São Paulo”; Paul Hugon, por sua vez, solicitara uma investigação histórica - “A evolução do Comércio Exterior no Brasil da Independência a 1940” (FERNANDES, 1977, p.160). Os dois professores gostaram muito das provas de Florestan. Roger Bastide foi de opinião que o trabalho devia ser publicado e entendeu-se com o professor Emilio Willems, da cadeira de Antropologia,³ que então dirigia a revista SOCIOLOGIA; o texto foi aceito e publicado na mesma (FERNANDES, 1942, vol.IV, nº 4, p.396-406). Paul Hugon, por sua vez, achou que o trabalho apresentado a sua cátedra poderia ser o primeiro esboço de uma tese de doutorado e sugeriu ao aluno que passasse desde logo a trabalhar nela, sob sua orientação; mas o jovem, não tendo ainda idéia definida do que iria fazer na vida, respondeu dizendo que era cedo para decidir. Sabedor do sucesso do estudante, o professor Fernando de Azevedo, também do Departamento de Ciências Sociais, com a cátedra de Sociologia II, que não fazia parte das que cursava o rapaz, telefonou-lhe felicitando-o pelo sucesso, colocando-se à disposição para auxiliá-lo nos estudos e abrindo para

3 No cap. I de sua obra sobre o folclore paulistano, Florestan Fernandes revela a importância das críticas do Prof. Emilio Willems ao relatório de pesquisa de campo efetuada na cadeira de Sociologia I e que Roger Bastide lhe dera, consultando-o sobre a possibilidade de uma publicação; achou os dados muito bons, porém não haviam sido analisados de maneira satisfatória. Entre outras indicações, “fortaleceu a inclinação do autor em dar maior importância às vinculações do folclore com as situações sociais de vida”, de modo que o trabalho, dividido em alguns artigos, alcançou publicação em 1942 e anos subsequentes. Reconhece Florestan que Emilio Willems, com seus reparos, “estimulava de maneira notável os que pretendiam encetar ou desenvolver projetos de pesquisa realizáveis, dava-lhes a colaboração intelectual que se fizesse mister e promovia a publicação dos artigos resultantes de tais empreendimentos. Por isso, durante sua permanência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi o verdadeiro propugnador e animador da valorização da pesquisa empírica sistemática, como condição para o progresso dos estudos sociológicos no Brasil” (FERNANDES, 1961, p.11, nota 4).

ele sua grande biblioteca; Florestan Fernandes declinou o oferecimento, e em sua autobiografia escreveu: “fiquei comovido com o gesto, iniciando com ele uma longa e sólida amizade” (FERNANDES, 1977, p.163). Tais provas de apreço eram pouco habituais no Departamento, e mais ainda por se tratar de um primeiro-anista; sem dúvida concorreram para adoçar suas relações na classe.

Nesse período de estudos, em que se ambientava num meio social que desconhecia, ocorreu a tradução da obra de Marx, *CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA*, atrás referida. Aceitou a incumbência, que comparou a “um verdadeiro mergulho em mar alto” e mais tarde escreveu que o trabalho tivera importância capital para sua evolução intelectual e política: ela o ajudara “a vencer o forte intelectualismo abstrato inerente à minha recente formação universitária, pondo-me na circulação política através de ações concretas de oposição à ordem existente”. Constituiu, pois, elemento marcante “na descoberta dos caminhos que me levariam à *perspectiva sociológica* que defendo, e à *prática sociológica*, que me impus”. A perspicácia de seu diagnóstico é realmente fora do comum e sua conclusão da auscultação efetuada mostra a perfeita consciência do que a tradução desse trabalho de Marx teve para todo o edifício sociológico erguido pouco a pouco pelo sociólogo nacional: ele foi “o alicerce sobre o qual iria construir o que há de original na minha versão do que são a sociologia, as suas divisões, os seus métodos e problemas” (FERNANDES, 1977, p.172-173).

Os quatro anos de estudos universitários conheceram um coroamento final inédito: três professores se demonstraram desejosos de ter como assistente um aluno que tanto se distinguira. Foram eles: Fernando de Azevedo, de Sociologia II; Paul Hugon, de Economia Política; Eduardo de Alcântara de Oliveira, de Estatística. A resposta afirmativa foi dada ao Prof. Fernando de Azevedo. A escolha poderia parecer estranha, uma vez que, como afirma em sua autobiografia, não fora aluno deste professor. Seu curso de Sociologia, ele o fizera com o mestre Roger Bastide, que afirma ter sido “o meu principal professor” (FERNANDES, 1977, p.162). É possível que Fernando de Azevedo, dada sua importância na Universidade de São Paulo, de que fora um dos fundadores, tivesse melhor possibilidade de obter verba para mais um assistente; Roger Bastide, por sua vez, estrangeiro e extremamente reservado, julgaria não dispor da mesma facilidade.

Iniciou-se pois, em 1945, a carreira docente de Florestan Fernandes na Cadeira de Sociologia II, trazendo uma bagagem intelectual já respeitável. Enquanto aluno, publicara três artigos na revista *SOCIOLOGIA*, respectivamente em 1942, 1943 e 1944, ligados ao levantamento já atrás relatado, que constituíra um *trabalho de aproveitamento* solicitado pela cadeira de Sociologia I (FERNANDES, 1961, p.9, nota 1). Efetuara uma tradução de importante livro de Karl Marx, publicada em 1946, que fizera preceder por alentada Introdução; esta revela, tanto no texto quanto nas notas, o conhecimento pelo jovem sociólogo de ampla bibliografia sobre as obras e as posições do filósofo alemão, assim como de economistas e sociólogos que nele se haviam apoiado, ou que lhe negavam valor. Apesar de nomeado assistente, não

pode a princípio dispensar seu emprego, o que durou até 1947, obrigando-o a um esforço que durou portanto mais dois anos (FERNANDES, 1977, p.156).

Apesar de sobrecarregado por dois trabalhos tão diferentes, decidiu o jovem professor fortalecer sua experiência de pesquisador cursando a Escola Livre de Sociologia e Política, que tinha a fama de dar boa introdução às investigações de campo, área em que o Departamento de Ciências Sociais da USP deixava muito a desejar, segundo as opiniões correntes; verificando que “alimentara esperanças erradas” (FERNANDES, 1977, p.169), resolveu apesar disso levar avante seu escopo de apresentar uma dissertação de mestrado (nível de pós-graduação que ainda não existia na USP). Ligou-se a esta decisão a determinação que tomou de efetuar uma pesquisa sobre a organização social dos Tupinambá, segundo os documentos existentes sobre o princípio da colonização portuguesa no Brasil. Talvez a sobrecarga de trabalho em que vivia, lhe acenasse com a suposta maior facilidade de trabalhar com a busca de documentos em arquivos e bibliotecas. Completava também assim a experiência de coleta de campo, que adquirira, uma vez que os professores Roger Bastide e Emilio Willems em geral solicitavam dos estudantes trabalhos que exigiam esse tipo de atividade, como relata Florestan na autobiografia (FERNANDES, 1977, p.173-174).

Seu levantamento de dados foi então exaustivo. Lembro-me que em 1949, quando era aluna, fui a sua casa com alguns colegas para ter explicação sobre um problema teórico que nos preocupava. Terminada a explanação, Florestan nos mostrou uma mesa quadrada, de metro e pouco de lado, coberta de caixas de papelão recheadas de fichas escritas em letra miúda, divididas por cartões em que estavam as classificações. “- Eis aí os Tupinambá”, disse ele, num misto de timidez e vaidade. Eu, que já iniciara a coleta de dados para uma possível tese sobre o problema do messianismo no Brasil, problema que me atraía desde um trabalhinho efetuado para Roger Bastide no ano anterior, fiquei admirada com a profusão de observações que a quantidade de fichas revelava e também ligeiramente amedrontada: de repente tomava consciência do vulto do trabalho de que me incumbira...

Esta sondagem efetuada em profundidade, a análise penetrante que realizou, foram de grande utilidade, pois lhe permitiram levar a cabo, com bastante rapidez primeiramente a dissertação de mestrado, na Escola Livre de Sociologia e Política, em 1947, com A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPINAMBÁ; pouco tempo depois, tornava-se doutor com A FUNÇÃO SOCIAL DA GUERRA NA SOCIEDADE TUPINAMBÁ, defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1951. Todo este trabalho tão rapidamente levado a efeito, e mais sua tese de livre-docência defendida na mesma Faculdade em 1953, - ENSAIO SOBRE O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO FUNCIONALISTA NA SOCIOLOGIA - demonstram o quanto aprofundou as reflexões teóricas que ia realizando e que ficaram registradas em contribuições sucessivas à ciência que estudava (FERNANDES, 1953, 1954, 1959). O valor de seus trabalhos aumentava o renome que ia adquirindo, tanto no país quanto no exterior. Um bom exemplo do sucesso está em que o antropólogo Alfred

Métraux, grande especialista no estudo dos Tupinambá, solicitou a tradução da parte principal do livro para o francês, sendo publicada na revista da SOCIÉTÉ DES AMÉRICANISTES, na França, no mesmo ano em que a tese era editada no Brasil (FERNANDES, 1952, a] e b)).

Um marco importante na vida do jovem professor foi sua passagem da cadeira de Sociologia II, em que iniciara sua vida de sociólogo de que era titular o Prof. Fernando de Azevedo, para a cadeira de Sociologia I, dirigida pelo Prof. Roger Bastide. Por volta de 1951, a Unesco havia convidado a este para realizar uma pesquisa sobre relações raciais em São Paulo; o convite era tentador, porém um obstáculo sério existia então: Bastide estava à espera de que saísse sua nomeação de professor numa universidade francesa, para então deixar o Brasil; aqui lecionava desde 1939 e sua longa permanência ligava-se à 2ª Grande Guerra, que cortara praticamente qualquer viagem para a Europa. Não possuía então, entre suas assistentes, nenhuma a quem pudesse passar a incumbência, no caso da nomeação brevemente sair⁴. Ao contrário, a cátedra de Sociologia II, regida pelo Prof. Fernando de Azevedo, podia dispor de assistentes aptos para enfrentar o pesado encargo se tal acontecesse, distinguindo-se Florestan Fernandes, cuja carreira seguia um curso excepcionalmente brilhante. Com plena anuência do prof. Fernando de Azevedo, passou então Florestan para o lugar de 1º assistente do prof. Roger Bastide.

A condição imposta por Bastide para aceitar a direção da pesquisa foi de que Florestan Fernandes partilhasse com ele a direção da mesma. Uma vez aceita, Roger Bastide entregou ao seu 1º assistente a formulação do plano de pesquisa, incluindo a justificativa teórica, assumindo também o controle das diversas partes de sua realização⁵. Quando Roger Bastide partiu definitivamente para a França, em fins de 1954, o relatório da pesquisa já estava terminado e fora apresentado aos que o haviam patrocinado - a Unesco e a Editora Anhembi; o importante trabalho foi publicado pela Editora Anhembi em 1955. O fato de Roger Bastide dividir sua atividade de professor entre a USP e a *École Pratique des Hautes Études*, em Paris, para

-
- 4 Eram suas assistentes então Lavinia Villela, Gilda R. de Mello e Souza e eu; nenhuma delas, por motivos variados, se propunha a arcar com a responsabilidade da cátedra, por motivos muito diferentes. Lavinia Villela fôra para os Estados Unidos, de onde não pretendia regressar. Gilda R. de Mello e Souza, cada vez mais atraída pelos estudos de estética, pouco depois passava para a referida disciplina, que fazia parte do Departamento de Filosofia. Quanto a mim, não almejava de modo algum chegar ao grau mais elevado, como o demonstrei mais tarde, ao me recusar a fazer o concurso para professor titular (denominação dada ao mais alto grau de ensino na USP, na reforma de 1970); aliás, nessa ocasião nem mesmo podia pretender tal posto, pois, tendo me formado em 1949, não estava ainda preparada para tal incumbência. Florestan Fernandes ao contrário; tendo defendido já duas teses brilhantes, estava mais do que apto para reger a cátedra.
- 5 Por um engano lamentável, fui citada como pertencendo à equipe da pesquisa financiada pela Unesco (BASTIDE E FERNANDES, 1955, p. 14). Minha colaboração fôra impossibilitada porque, quando a mesma se iniciou, eu me encontrava na França com uma bolsa de estudos do Governo Francês, tendo permanecido neste país de 1951 a 1953, isto é, durante o período de realização da pesquisa. Em 1950.

a qual fôra nomeado em 1952,⁶ fez com que Florestan Fernandes realmente assumisse a direção da pesquisa e testasse, assim, sua aptidão para dirigir uma investigação de importância, patrocinada por instituição internacional e reunindo colaboradores que eram professores de outras disciplinas, além da equipe de jovens pesquisadores. O sucesso da pesquisa foi incontestável⁷; Florestan tivera a prova de que podia assumir sem problemas a direção de uma cátedra, pois sabia se impor mesmo a colegas mais antigos do que ele na carreira.

O bom êxito da pesquisa decidiu-o a levar mais a fundo o trabalho, ampliando-o. Pra tanto, solicitou a Roger Bastide a permissão para utilizar os dados que ambos haviam trabalhado, “com o que ele concordou generosamente”. A nova inquirição constituiu sua tese de cátedra, em que procurou “descrever como *o povo emerge na História*” (FERNANDES, 1977, p.199). A tese foi defendida em 1964, ano em que se iniciava a ditadura militar que, depois de prendê-lo por breve tempo, mais tarde o aposentou de seu lugar na USP e determinou seu exílio.

A década de 1960 não foi unicamente marcada pela ascensão à cátedra e por perseguições políticas. Desde a partida de Roger Bastide, uma nova experiência didática se iniciara na vida do jovem professor: a de compor com alunos seus que se haviam distinguido durante o curso uma equipe de pesquisa. A constatação da falta que fazia o trabalho em grupo no Departamento de Sociologia levou-o a tentá-lo com ex-alunos seus que se haviam distinguido no curso e aceitassem em dar-lhe colaboração; conseguiu assim “compor um grupo com aqueles que reve-

Roger Bastide solicitara a dois de seus estudantes, Renato Jardim Moreira e eu, uma aplicação da técnica de histórias de vida para verificar como poderia ela ser utilizada em pesquisas; tratava-se de um *trabalho de aproveitamento*, como era habitual ser dado aos alunos para nota anual. O resultado não foi nada encorajador; porém Bastide achou interessante as observações teóricas, que se completavam mutuamente. Transformados em artigos, com uma introdução de Roger Bastide, figuram na revista SOCIOLOGIA (SOCIOLOGIA, São Paulo, 15(1), mar. 1953). Foram republicados mais tarde como anexo a um de meus trabalhos sobre técnicas de pesquisa (PEREIRA DE QUEIROZ, 1991). O material coletado nas duas experiências não pôde ser aproveitado.

- 6 Como os períodos letivos no Brasil e na França são desencontrados (o das universidades francesas se iniciando em novembro, mês em que termina i das brasileiras), podiam os professores franceses manter contato com o de seu país, apesar da viagem marítima de 16 ou mais dias; naturalmente a expansão das viagens aéreas, por volta de 1950, facilitou muito a possibilidade deles darem um semestre de aulas na França e outro no Brasil.
- 7 Embora apoiada pela Unesco, a pesquisa da Roger Bastide e Florestan Fernandes não foi publicada por esta instituição; a explicação apresentada para a recusa foi de que a coleção de obras em que devia figurar era de pequeno formato, cada volume não devendo ultrapassar uma centena de páginas, como se verificava da publicação da pesquisa realizada na Bahia por Thales de Azevedo, que chegara a 107 p., ultrapassando em 7 o número fixado (AZEVEDO, 1953). A Editora Anhembi, dirigida pelo Prof. Paulo Duarte, a qual também patrocinara o trabalho, assegurou a primeira publicação, que veio a lume em 1955, com o título *RELAÇÕES RACIAIS ENTRE NEGROS E BRANCOS EM SÃO PAULO* (BASTIDE e FERNANDES, 1955); o alentado volume teve 554 páginas... Ele teve mais duas edições, realizadas pela Companhia Editora Nacional, a segunda em 1973.

lassem maior aptidão para a pesquisa empírica sistemática e um mínimo de identificação com os alvos que eu tinha em mente”. E assim, “em fins de 1954 e no início de 1955, já dispunha de um pequeno grupo, que podia trabalhar articuladamente comigo” (FERNANDES, 1977, p.183), o que se opunha ao hábito de pesquisa individual que reinava no Departamento, e mesmo na Universidade de São Paulo.

Às tarefas novas que assim surgiam, adicionou-se uma outra que, para ele, foi se tornando cada vez mais importante; ligava-se ao que lhe parecia constituir um dos maiores - senão o maior - dos obstáculos à melhoria dos níveis de vida das classes inferiores no Brasil e ao despertar de sua consciência diante da situação que lhes cabia; à má qualidade do ensino, que nalguns Estados chegava à falta total de instrução.

Quando, no começo da década de 1960, teve início a Campanha de Defesa da Escola Pública, a ela aderiu, tornando-se um de seus mais ardorosos defensores. Novamente o diagnóstico da razão de sua atitude foi límpido; considerou que trilhava assim “os caminhos que me levariam à *perspectiva sociológica* que defendo, e à *prática sociológica*, que impus” (FERNANDES, 1977, p.173). E para tanto “percorreu o país numa campanha memorável” (ANTONIO CÂNDIDO, 1995, p.29), constataando tanto a insuficiência da rede de escolas públicas, quanto o nível do ensino ministrado, que muito deixava a desejar! Descobria também que esta situação era o promotor por excelência da multiplicação das escolas privadas existentes em todos os graus de ensino, evidenciando que a instrução se havia tornado excelente fonte de lucro. Na luta pela melhoria do ensino público, combinava “o trabalho acadêmico e as atividades práticas”, no papel de *sociólogo militante* que lhe parecia primordial, pois lhe permitia enxergar com amis clareza os problemas sociais do país e ao mesmo tempo trabalhar com o fito de acelerar as transformações consideradas indispensáveis (FERNANDES, 1977, p.207-208).

Na efervescência de suas atividades, do sucesso junto aos estudantes, o que promovia a ampliação do grupo de pesquisadores já denominado a “Escola de Sociologia de Florestan Fernandes” (como o grupo passou a ser chamado), a ditadura militar caiu como um raio em 1964, buscando logo destruir o que considerava o cerne das idéias esquerdistas, e, em várias universidades do país, e mais especialmente na USP, professores foram aposentados, proibidos de dar aulas, de publicar seus trabalhos, medida tomada em 1969. Florestan Fernandes estava entre eles. Aceitando o convite da Universidade de Toronto, no Canadá, ali deu cursos até 1973. Regressou então ao Brasil, onde retomou suas pesquisas e publicações. Mais tarde um pouco, pode voltar a sua função de professor, dando aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Cada vez mais se capacitava de que uma combinação entre trabalho acadêmico de pesquisa e conhecimento teórico, aliado a atividades práticas que redundassem na transmissão de seus diagnósticos (que a Sociologia lhe permitia efetuar) a um público mais vasto do que o universitário era o que lhe permitia desempenhar o papel que acreditava ser o seu. Dissolvida a ditadura militar e tendo surgido um novo partido de esquerda, o PARTIDO DOS

TRABALHADORES, originário da iniciativa de alguns sindicatos operários a que aderiram diversos intelectuais, condições aceitáveis se instalaram na política partidária para que Florestan tentasse levar mais longe sua ação militante.

Filiado ao partido recém organizado, eleito e reeleito deputado federal, entregou-se novamente com energia à luta com o ardor que sempre demonstrara. Estudos, discursos, artigos de jornal, se difundiram largamente no país; em toda a sua atividade ficava impresso que continuava considerando uma instrução pública de elevada qualidade era a alavanca por excelência para operar uma transformação profunda no país. Quando a doença o derrubou, acabava de entregar à Câmara Federal um grande projeto nesse sentido. A morte não o deixou verificar como seria recebido pelos deputados e senadores.

* * *

Num artigo muito interessante, Liedke F^o afirma que “a originalidade da formulação teórica inicial de sua obra” decorria de uma forte influência “da concepção de ciência política de Karl Mannheim”, encontrada em *Ideologia e Utopia*, cuja tradução fora publicada no Brasil em 1946. Seus estudos procurariam trazer uma resposta à questão de base colocada pelo sociólogo húngaro: a possibilidade da plena realização de uma ordem industrial e democrática que também fôsse ao mesmo tempo um processo racional (LIEDKE F^o, 1995, p.6). Sem dúvida a influência das idéias de Mannheim foi das mais importantes na construção do pensamento sociológico de Florestan Fernandes, e ele o reconheceu várias vezes. Logo no início de sua autobiografia, afirma “O amplo uso que fiz de Mannheim sugere as fronteiras não declaradas de um inconformismo que incorporei à sociologia (e que, portanto, nunca foi externo àquilo que poderia designar como a *minha prática sociológica*)”. (FERNANDES, 1977, p.141).

Todavia, acredito que a influência profunda, fundamental, foi sem dúvida a do sociólogo Karl Marx, que datava ainda de antes de Florestan Fernandes ter entrado na Universidade de São Paulo como estudante. Ele mesmo reconheceu, por exemplo, que o fato de traduzir a *Contribuição à Crítica da Economia Política* fôra “o episódio marcante no conjunto de minha evolução intelectual”. E isso porque “me pôs face a face com o desafio, que vinha de minhas origens humanas, e que me mostrou, pela primeira vez, que o sociólogo, que brotava e crescia dentro de mim, devia responder a esse desafio e identificar-se com os ideais socialistas de reforma e de revolução sociais que ele implicava”. Também o ajudara “a vencer o forte intelectualismo abstrato” resultante da formação universitária, revelando-lhe a necessidade de “ações concretas de oposição à ordem existente” (FERNANDES, 1977, p.172). Por isso, “eu me vi trabalhando seriamente sobre os seus textos e tentando descobrir o que a sua orientação explicativa representava para a sociologia” (FERNANDES, 1977, p.173).

É interessante notar que, tendo sido aluno de quatro professores franceses no Departamento de Sociologia - Roger Bastide, Paul Hugon, Paul Arbousse-Bastide

e Jean-Maugüé - tenha a influência germânica sido a que mais se nota na obra de Florestan Fernandes. Ele mesmo dá uma explicação: tratar-se-ia de uma espécie de oposição contra o “antigo símbolo do *made In France*”, cujo engrandecimento seria então corrente no Departamento (FERNANDES, 1977, p.178). Na verdade, não parece que a explicação fôsse constituída por uma espécie de rebelião de aluno contra a maneira de ver veiculada pelos mestres, como tantas vezes acontece. Florestan mesmo, ao narrar a profunda influência da leitura de Marx que sentira, associou-a a sua própria situação de vida econômica e social; este conhecimento em profundidade do que significava uma estrutura social capitalista e suas consequências nos indivíduos conforme a situação específica deles, era uma explicação suficiente para justificar seu assombro e sua fascinação diante da “riqueza e da modernidade” do pensamento do grande filósofo e sociólogo alemão e de seus sucessores.

O *made In France* a que ele se referia tinha, porém, um segundo sentido, além de se referir à forte influência francesa; ele pretendia também iniciar no Brasil uma sociologia que, comparada à dos países em que esta ciência tivera um grande desenvolvimento, tornasse evidente que se tratava de um conhecimento profundamente marcado pela brasilidade, não apenas no material que seria estudado (o qual evidentemente ostentava esta marca), mas também e principalmente na metodologia que revelasse sua qualidade fundamentalmente nacional. Uma análise em profundidade dos textos de Florestan Fernandes é necessária para que se possa discernir em que medida conseguiu ele construir uma sociologia *made In Brasil*.

OBRAS CITADAS

1942 - FERNANDES, Florestan - Folclore e grupos infantis - São Paulo, SOCIOLOGIA, 4(2 e 3).

1946 - MARX, Karl - Contribuição à crítica da economia política - Intr. de Florestan Fernandes - São Paulo: Flama.

1946 - MANNHEIM, Karl - Ideologia e utopia - Porto Alegre: Globo.

1949 - FERNANDES, Florestan - Organização social dos Tupinambá - São Paulo: Instituto Progresso Editorial.

1952 a] - FERNANDES, Florestan - A função social da guerra na sociedade Tupinambá - São Paulo: Museu Paulista.

1952 b] - La guerre et le sacrifice humain chez les Tupinambá - JOURNAL de la Société des Américanistes, Nouvelle Série, Paris, t.41:139-220.

1953 - FERNANDES, Florestan - Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia - São Paulo: Indústria Gráfica José Magalhães.

1954 - FERNANDES, Florestan - Apontamentos sobre os problemas da indução na Sociologia - São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

1955 - BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan - Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo - São Paulo: Anhembi.

1955 - AZEVEDO, Thales - Les élites de couleur dans une ville brésilienne - Paris: Unesco.

1959 - FERNANDES, Florestan - Fundamentos empíricos da explicação sociológica - São Paulo: Nacional.

1961 - FERNANDES, Florestan - Folclore e mudança social em São Paulo - São Paulo: Anhembi.

1977 - FERNANDES, Florestan - A Sociologia no Brasil - Petrópolis: Vozes.

1991 - PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - A técnica de gravador no registro da informação viva - São Paulo: T.A. Queiroz.

1995 - ANTÔNIO CÂNDIDO - Para saudar um grande homem - REVISTA ADUSP, São Paulo, (4), out.

1995 - LIEDKE Fº, Enno D. - Florestan Fernandes: sociologia e cidadania - INFORMATIVO da Sociedade Brasileira de Sociologia, São Paulo, (12), abr./ago.

São Paulo, 15 de janeiro de 1996
Profa. Dra. *Maria Isaura Pereira de Queiroz*
Professora Emérita - FFLCH/USP